MANHA

DIRECCÃO ASSOCIAÇÃO DE UMA

COLLABORADORES DIVERSOS

Anno I

Assignat.por mez 500 rs

Publicação semanal

Desterro. 25 de Julho de 1886

Num. 18

Pagamento adiantado

o penultimo da mensalidade de Julho, rogamos aos Srs. Assignantes o obseguio de satisfazerem suas assignaturas logo que se lhes apresente os recibos.

A DIRECCÃO.

MANHA

Desterro, 25 de Julho de 1886.

AO CLARIM

O Clarim andeu mal pondo em relevo, no seu noticiario de 18 do corrente, a nossa incomprehensibilidade às ideas desenvolvidas no seu programma, referindo-se ao artigo em o qual, manifestando o prazer de receber a sua visita de estréa, accentuámos o proposito de reconhecel-o politico-liberal; e, censurando-o de traidor à respeitavel linha que precede-lhé o titulo, offerecemos-lhe algumas considerações, emittindo opinião sobre a difficuldade d'elle advogar a causa litteraria, estando de mãos dadas com um elemento completamente differente à ella, inaproveitavel e funesto como sóe ser o político. Aconselhamol-o e insistimos a propôrlhe que mude de rumo, visto ser mà a direcção que aproa.

prehensivel, por ter-se desencaminhado do texto: -organ DE interesses da provincia, etc., como deixou provado não ser fiel interprete, nestas tiradas politicas:

«Nos que ja estamos acostumados a essas grandes luctas politicas, estacamos deante dos innumeros abusos que se praticaram agui, para elevar-se ao parlamento como representante da provincia, dous homens estranhos (Refere-se aos Srs. Taunay e Malburg) e que nada têm feito até esta data para o seu desenvolvimento.

«São estas e outras cousas, pois, que temos em vista combater.....»

Está claro que, sendo essas cousas que promette guerreiar, não póde deixar de ser tido como apaixonado politico, e por conseguinte na impossibilidade de advogar com rectidão a causa da provincia.

S. S. embora tentasse ou tente ainda eximir-se à veracida da accusação que lhe fizémos, não lhe assenta bem qualquer sahida, embora mesmo da força d'aquellas alevosias que nos atirou, porque toda esta transcripção e mais este scintillante periodo, pros-O collega é que merece bolos tram-n'o no leito do peccado:

Sendo o presente n. |e com razão chamar-se-lhe incom-| (*) «Condemnando, pois, o triumpho do Sr. Taunag ao maior desprezo, protestamos severamente, da chapa governista, o nome do Sr. Mulburg, estrangeiro naturalisado, que não póde por lei aspirar o elevado cargo de senador do Imperio.....»

> Destas citações dos seus proprios artigos, nasceram as fontes d'onde vazaram as palavras aggravos e oppressões, que dissémos e sustentamos seguir o Clarim, relativamente à politica.

> Não queremos nos constituir defensores do governo actual, pelo contrario, almejamos não sómente tornar publico que não foi mal inspirada a nossa censura ao seu modo de vida, como induzir o Clarim a baptisar-se na religião invencivel da imprensa imparcial. (Exemplarise-se na conducta do Jornal do Commercio e Manhã).

E' tão difficil conseguir esse resultado é tão pirrhónico o Clarim

Estamos satisfeitos e convencidos de termos esmagado a presumpção do collega. Por conta, receba mais este cartão:

A não seguir caminho direito nunca poderà conquistar as honras de imprensa imparcial, e vi-

^(*) Elvição Senatorial—artigo seguinte ao do programma.

verá sempre aos vai-vens dos desagrados d'esse grande punhado de homens sensatos da nossa sociedade.

Romualdo.

A' saudosa memoria

DE

Francisco Duarte Silva Junior
A' FIRMINO DUARTE SILVA

.... O sol d'alem do tumulo Não é do morto a lampada sombria. (M. A. Alvares d'Azevedo)

Nos verdores dos annos escondida Atropos deshumana, diva morte, d'um amigo sincero, de um só corte o fio tenue separou da vida!

Em que angustia n'um ai de despedida confrangera seu peito, que era forte, aquelle que da prole e da consorte era a doce alegria, a paz querida!

O pranto da amizade a mais sincera derrama-se á memoria desse amigo, que tão querido, tão amavel era!

Mas é soidoso pranto; que o jazigo, do justo quando os restos incinera, tem a alma nos ceos achado abrigo!

BENJAMIM CARVALHO.

Na manha de 11 do corrente mez, falleceu na freguezia de Cannasvieiras, uma filhinha do nosso particular amigo Cincinnato Thomaz da Rocha.

A' elle, pois, e a sua digna consorte, a Exma. Sra. D. Candida Rocha, os nossos pezames.

Jornaes

Temos recebido: —Jornal do Commercio, Regeneração, Tribuna Popular, Idéa, Echo Lagunese, Lageano, Escudo, Ramalhete, Independente, Pequeno Jornal, Clarim e o n. 2 do Pensamento que se publica ha 5 annos na capital da Bahia sob a vigorosa Redacção do talentoso Sr. Salustiano Pedro. Agradecendo a delicadeza de tão illustrados collegas, continuaremos a permutar com a nossa humilde folha.

COLLABORAÇÃO

Quando a vi em uma dessas prazer tardes de inverno, brincando no jardim com outras mocinhas de atraz...

verá sempre aos vai-vens dos des- sua idade, senti pular no peito agrados d'esse grande punhado de meu coração preguiçoso.

Já desde algum tempo não se tinha um dia tão bom e succulento, pois uma chuva fina, impertinente, dessas que parece que não molham, mas inundam, enlameára, a rua quatorse dias segnidos, que me dei ao trabalho de contar.

Sem destino certo, saio à rua em procura de uma distracção qualquer.

Assim fui caminhando longe; ora dava insipida prosa aos conhecidos que encontrava, ora levava o pensamento á região onde suppunha morar o meu ideal.

Esbarro derepente com um amigo.

Como se estivesse dormindo em brando leito e fora despertado ás vozes de um punhado de crianças, vendo-o apertar-me as mãos emmagrecidas, senti em todo o corpo se desmanchar ligeiro estremecimento, tal era o descuido, o abandono infantil á realidade que então nesse momento me encontrava.

Retribui os cumprimentos e, pelo seu gesto impaciente, preparei-me então para ouvil-o.

—Oh! o que é isto... tu por aqui. O que estará para acontecer. Então, porque não foste ao baile?

Nem deixou desconcertar-se a phrase, volta um olhar faiscante para o lado e torna:

—Ah! bregeiro. Bem imaginára que por debalde não andavas aqui. Pois bem, não quero que me digas que sou desmancha prazer. Romeu, ficas ao pé da tua Julieta, que me vou por ahi

-De quem ?... atalhei com curiosidade.

-De um freguez.

E foi-se.

Como quando se encontra uma pessoa á quem se pergunta da familia, não por amizade ou interesse, mas para ter que dizer alguma coisa; assim largou elle aquellas phrases que para si levou-as o vento, como leva um papel sujo para o ar, mas á mim ficaram indeleves como lettras de fogo gravadas em metaes.

Tirei do bolso um cigarro, accendi-o um pouco confuso, atrapalhado como um actor novato diante de um publico exigente, e voltei-me então para a direita.

Ah! que quadro sublime, alegre, encantador!...

Vi um bando pequeno de moças louras, virginaes, brincando à relva dos canteiros, correndo atraz dos passarinhos, arrebatando beijos victoriosos e azues.

Fui e me inclinei para uma dellas, em cuja boca de côr de chita avermelhada vi se deslisar de um canto à outro um sorriso todo infantil.

A côr de seu vestido alegre, bem assentadinho, sem rugas; suas fórmas de um delicado que attingia ao extremo; o timbre da sua voz feita de coiza branda e harmoniosa—tudo á par de uma natureza alegre e faceira,—faria outorgar por certo fala enthusiasta á um mudo com o desejo ardente de fazer comprida descripção.

-Mocinha, queres casar commigo !

-Eu, interrogou ella estalando preguiçosamente os dedos rosados? -Sim., tu. Quem mais?

Se, como dizem os poetas, és o meu idéal.

Curvou a cabeça, recuou dous passos, se approximou depois, e, como doida, foi estalando fartas gargalhadas pelo jardim.

C. J.

Joinville-Julho de 1886.

TORK WIS A Republica do Bastos

(Continuação)

A casinha do Alfredo ficava na rua que margêa o pequeno rio Cachoeira, no principio da cidade. Além da sala unica, tinha ao lado uma saleta, um quarto e sala de jantar; aos fundos uma cosinha e um palheiro. O Alfredo encheu quasi todos os aposentos com barricas de farinha de trigo, malas de carne secca, saccos com assucar, e outros generos. Na sala tinha elle posto uma meza grande, algumas cadeiras, saccos e barricas: a meza servia-lhe promiscuamente de secretária e a noite de cama. Na face interior da porta, e mesmo em um lado das paredes, pregara elle desenhos da Revista Illustrada e do Novo Mundo.

Em volta da meza, sentados uns, outros em pé, estava a troça a rir-se do que havia succedido ao Alfredo na noute antecedente. Quando entrei tambem acabava de chegar ali o Pedrinho. Este novo personagem era um mocinho, de 17 annos, imberbe, claro, phisionomia delicada, da qual se expandia uma attracção irresistivel. Era filho do Dr. Taulois, o velho amigo que nos abria, com a amisade de um pai, aprasiveis saráus em sua casa.

-Então, foste convidado para a soirée do D. João?

-Sim, e vou.

-Está dito! E lá que tem umas quatro raparigas... bonitas, meu filho! com uns olhos muito grandes, muito vermelhas! Chi! ha de ser uma flamancia completa! Não vaes, Castro!

-Não fui convidado, mas es-

tou mortinho por ir.

-Não tem duvida; eu entro e tu te poes do lado de fóra...

-Até ahi não adiantaste nada! -...não me interrompa o fio do discurco! Depois peço permissão á dona da casa, que logo en-

che-se toda de luxos e agrados, e tu entras todo lambido pela por-

ta a dentro. Oueres?

Tinha ficado assim combinado. De noite fui à tal reunião. O dono da casa, a quem chamavam de D. João, era um hom homem. muito attencioso, se bem que muito desconfiado; e a sua cara metade, era uma senhora dos seus 35 annos, muito gorda, muito fallante, com pretenções a aristocracia. Chamayam-na D. Zizi.

Dansava-se ao som de uma gáita n'uma salinha acanhada; na varanda ficavam os homens e n'uma saleta as moças. Quando entrei já lá vi o Alfredo as voltas com as moças dos olhos grandes, n'uma polka, muito satisfeito, fazendo as moças rirem, e elle com ellas.

O Castro estava furioso, da parte de fóra, esperando em vão o Alfredo, que, entretido como estava, já nem se lembrava delle.

Entrei e avisei o Alfredo.

-Ah! é verdade! Ora o Cas-

tro!

E sahio a buscal-o para apresental-o a D. Zizi e ao marido. que andava todo azafamado da sala para a cosinha, e da varanda para o quarto, todo satisfeito, esfregando continuamente as mãos de contente.

Eu estava a conversar com a dona da casa, que se achava muito bem repoltreada n'uma cadeira, na varanda, quando chega-se o Alfredo com o Castro.

Deu-me vontade de rir ao ver a cara dos dous.

O Alfredo empertigou-se todo, e em attitude respeitosa, apresentando o Castro, disse:

-Minha Sra.: tenho a subida honra de apresentar-lhe o men particular amigo, o Sr. Castro, Cavalheiro distincto, que desejando tomar parte no seu divertimento, tomei a liberdade de o trazer....

Ella ficou toda cheia de si e com um sorrisosinho de intima satisfação limitou-se a dizer:

-Pois sim.

O Castro olhou-me e eu me ria, apertando o nariz para reprimir as gargalhadas.

A vista daquella tola resposta.

o Castro tornou-lhe:

-Pois é.

E deixando o Alfredo foi para sala aproveitar a dança, e eu sahi a rua para me rir do que presenciara.

Joinville, Julho de 86.

(Continua)

Album de homens illustres

232 25 37 3

(brazileiros e europeus)

DR. SCHUTEL

Intelligencia robusta, jornalista consumado, medico conhecido, o Dr. Duarte Schutel é muito estimado pelos seus patricios, que n'elle encontram um amigo devotado, um homem superior.

Já foi representante da Provincia que lhe serviu de berço na camara temporaria, onde fez um

papel importantissimo.

E' finalmente o Dr. Duarte Schutel um dos filhos da Provincia de Santa Chatharina que mais tem se esforçado na defesa de seus interesses e direitos.

T. F ...

DR. MELLO

Eu o vi.

O velho medico, genio da virtude, derramando, calmo, no leito dos doentes, com a claridade a vida e a saude, dia e noite affrontava o excesso de trabalho e o perigo da epidemia.

A peste terrivel envenenou-o com seu halito mortal; quiz luctar, resistiu, sacrificou o ultimo instante.

Quando não poude mais, cahiu-lhe a penna da mão, e disse - «fiz o que pude, agora faça elle por mim».

Cheguei: -era tarde.

A patria perdeu um filho illus-

A medicina perdeu um verdadeiro apostolo.

Eu perdi um amigo sincero.

12 de Julho de 86.

DR. SCHUTEL.

BARAO DE TEFFE

E' um dos mais proeminentes officiaes da nossa marinha de guerra.

A grande illustração que possue, grangeou-lhe os elevados titulos, que ornam o seu caracter illibado.

A' grande causa da imigração, o Sr. Barão de Teffé tem ligado o seu glorioso nome.

El um cavalheiro distincto en-

tre os distinctos.

Maio-4-86.

F. SALOMÉ.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Tecer-te um canto em versos sonorosos Onde houvesse a scintillar d'estrellas Da luz radiante, Jámais, oh! vate lusitano eu posso Diante de teu vulto portentoso Qual d'um novo Dante.

Mas sentindo ao contemplar teu busto Inspiração de bardo qual tu és, Sim, tão sublimado; Direi aqui somente, qual Camões Sera teu nome augusto, divinal Da historia amado !...

F. MARGARIDA.

JULIO GREVY

O systema Governativo a que presides e a lei natural e intuitiva de elevada inteligencia!

E se te coube a Gloria de presidir ao povo que a tradição historica, é um monumento, que a linguagem universal dá luz ao Mundo!

Exulta de ti mesmo, na Gloria immensa que Robespière, Marat

Danton não alcançaram!

V. C.

GONCALVES CRESPO (Pedra sem valor)

Ante o divino frontal. Do ten craneo radiante. Talhado como os de Dante, Por um modelo ideal;

Apenas, poeta-artista. Te deixo, de coração, A pequenina amethista Da minha admiração!

30 - 3 - 84.

ARÃO RAMOS.

Tiroteies

Com que então, meu adoravel noticiarista do Clarim n. 3, achais possivel là na alta aquella do vosso não menos alto modo de entender que possa em um jornal litterario haver anonymos ?!!...

Arre!... que sois de uma forca !...

Tendes uma graça !...

O que parece-nos, porém, fóra de duvida é que andaes com a maça encephalica completamente desorganisada e fóra de ordem....

Salvo o caso de estardes ainda tão atrazadinho que queirais admittir, à força, n'uma folha puramente litteraria, os taes srs. anonymos.

Quem sabe si o amavel noticiarista confunde anonymo com pseudonymos !!..

E' de suppor.

Ou então, coitado, são tantas as elevadas e magnas soluções politicas em que anda mergulhado que, fazendo de tudo um mingão, já não sabe o que diz nem o que escreve.

Como eu vos lastimo!...

Estareis, por ventura, ruminando no vasto dominio de vosso cerebro alguma gigantesca refórma ?!...

Ai, meu caro noticiarista n. 3, isto de politica é o diabo.... deixa em pouco tempo a pobre gente a gravitar no espaço de pernas para os quatro ventos...

E a prova é que vós, esquecendo-vos do papel, ainda que modesto, que a nossa Manhã representa unicamente no theatro da litteratura, tivestes a feroz barbaridade de querer admittir TYP. DO «JORN. DO COMMERCIO»

um anonymo assignando um artigo de fundo !....

Será possivel, amavel noticiarista, os taes srs. representarem um jornal nas columnas da redaccão ?!...

Com certeza n'essa occasião o vosso miolo andava a fazer o seu movimento de rotação lá pelas regiões do paiz da lua...

Ou então estaes já de tal fórma methamorphoseado em politica que, tomando a nuvem por Juno, traduzistes a opinião de nosso amigo Romualdo, aliás muito criteriosa e razoavel, por algum d'esses aranzeis partidarios em que tudo se deprime, se avilta e onde a verdade e a razão cedem lugar à mentira, à injuria é finalmente à loucura.

E tanto é assim, e tal a vossa cegueira que viestes mimoseaudo um dos nossos redactores de anonymo.

Tudo menos isso nobre noticiarista.

Errastes o alvo.

Emfim são coisas...

E para que não nos appelideis de cacetes dir-vos-emos que nos é completamente indifferente o embrenhardes-vos por essas tortuosidades da politica parcial.

Em todo o caso não vos façais de manhoso.

E deixai-vos de pannos quenles.

Ou bem que semos ou bem que não semos, como já disse alguem.

FANFAR.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina